

La Comédiathèque

Quatro estrelas

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo
gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos
direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>**

Quatro estrelas

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução para o português do Brasil pelo autor

Quatro passageiros sem nada em comum embarcam numa viagem turística ao espaço. A convivência vai mais ou menos bem até a central de controle anunciar uma falha no sistema de oxigênio: será preciso voltar à Terra imediatamente. Só há um problema: o ar que resta não é suficiente para os quatro. Um deles terá de se sacrificar, ou todos morrerão. Em uma hora, precisarão descobrir quem tem fibra de herói... e quem está disposto a morrer para salvar os outros.

O tempo está correndo.

Personagens

Jonathan
Jéssica
Ivan
Nazário

Esta versão destina-se a um elenco de três homens e uma mulher. Existe também uma versão em português de Portugal, para dois homens e duas mulheres, disponível para download nos sites do autor.

© La Comédiathèque

ATO 1

Módulo principal de uma nave espacial. Como se trata de uma comédia, nada impede uma cenografia futurista deliberadamente cafona, à maneira dos filmes de ficção científica de baixo orçamento. Ao fundo, uma tela pintada representa o céu estrelado visto por uma grande janela. De um lado, um terminal de rádio em forma de telefone, com uma luz vermelha que pisca; do outro, um pequeno machado vermelho protegido por um vidro com a inscrição «Quebrar somente em caso de emergência». A quarta parede também representa uma janela panorâmica, pela qual os passageiros podem contemplar a Terra, a Lua e as estrelas, conforme a nave gira. À direita, uma saída para a cabine de comando e o laboratório; à esquerda, outra para os alojamentos. Jonathan observa maravilhado a paisagem, de frente para a plateia.

Jonathan – É inacreditável! Olhe, Jéssica! Dá para ver o Brasil!

Jéssica, que parece procurar alguma coisa, olha distraidamente na direção dele.

Jéssica – Ah, é... Parece tão pequenininho...

Jonathan – Dá para distinguir a Amazônia, a baía de Guanabara, Ilha Grande, Cabo Frio... Quase dá para ver o meu iate! Está ancorado ali...

Jéssica – No Google Earth você veria. Se eu conseguisse achar meu celular...

Jonathan – Impressionante... A gente sabe que os mapas atuais são fiéis à realidade, ao contrário dos mapas medievais, que nem mostravam a América. Mas aqui está a prova!

Jéssica – Não me diga que você pagou uma fortuna por este voo só para confirmar que a América existe!

Jonathan – Mas olhe só! Dá até para ver Brasília! (*Aproxima-se da janela.*) Ah, não... É uma sujeirinha de mosca no vidro...

Jéssica (*olhando também pela janela*) – Engraçado... Daqui não dá para ver as fronteiras.

Jonathan – E você esperava o quê? Linhas pontilhadas, como num mapa de estrada? Dizem que antigamente dava para ver até o Muro de Berlim do espaço.

Jéssica – Ah, que pena que derrubaram.

Jonathan – A Grande Muralha da China continua lá. Aquilo, sim, foi bem construído!

Jéssica – É...

Jonathan – E você? Por que resolveu fazer essa viagem?

Jéssica – Ganhei num concurso de televisão. Era o primeiro prêmio. A gente tinha de acertar o nome de quem havia sido eliminado de um reality show na noite anterior.

Jonathan – E você acertou! Parabéns!

Jéssica – Na verdade, mais de um milhão de pessoas acertaram. Depois teve um sorteio e meu nome saiu.

Jonathan – E pensar que esta minha viagemzinha espacial custou um milhão de dólares...

Jéssica – Para falar a verdade, eu preferia o segundo prêmio.

Jonathan – Qual era?

Jéssica – Um Ford Ka!

Jonathan – Ah, sim...

Jéssica – Zero-quilômetro! Completo: vidro elétrico, som, ar-condicionado... Aliás, está meio quente aqui, não está?

Jonathan (*voltando a admirar a paisagem*) – É fantástico! Nem preciso ver a previsão do tempo. Posso garantir que daqui a uma hora um furacão vai arrasar a Nicarágua. E acredite: vai ser um estrago daqueles. Que espetáculo!

Jéssica continua procurando o celular por toda a cabine, sem prestar atenção à janela.

Jéssica – Estava na minha mão agorinha... Não pode ter saído voando!

Ela esbarra em Ivan, o comandante, que chega da cabine de comando.

Jéssica (*cheia de charme*) – Ah, Ivan!

Ivan – Está procurando alguma coisa, Jéssica?

Jéssica – Meu iPhone.

Ivan (*entregando o aparelho*) – Encontrei flutuando no teto do banheiro. A gravidade artificial está com um probleminha naquela parte da nave. Vou tentar consertar...

Jéssica – Ah, obrigada, comandante!

Ivan – Infelizmente, não era o único objeto voador não identificado flutuando por lá... Mas o que você queria fazer com o telefone?

Jéssica – Ligar para alguém, ué!

Ivan – Acho que não vai dar, Jéssica.

Jéssica – Mas nos aviões só precisa desligar na decolagem e no pouso, não é?

Ivan – Sim, mas isto aqui é uma nave espacial. Pode ligar o iPhone, só duvido que encontre sinal a 180 quilômetros de altitude. Se encontrar, me passa o nome da operadora.

Jéssica – Quer dizer que não posso telefonar durante a viagem inteira? Pior que no teatro!

Ivan – Sinto muito...

Jéssica – Não me diga que estamos completamente isolados do mundo!

Ivan – Do mundo, não necessariamente... Digamos que, aqui no espaço, se o seu iPhone tocar, provavelmente não vai ser ninguém da Terra.

O celular de Jéssica começa a tocar. Ela atende, espantada.

Jéssica – Alô? (*Caindo em si.*) Ah, é o despertador! Esqueci de ajustar a hora.

Ivan – Em órbita, realmente não é fácil decidir que horas são.

Jéssica – E se acontecer uma emergência? A gente nem pode chamar os bombeiros?

Ivan aponta para o terminal de rádio na parede.

Ivan – Em caso de emergência, falamos com a central de controle pelo rádio de bordo. Mas, se for para remarcar o salão de beleza, vai ter de esperar até voltarmos à Terra.

Jéssica suspira.

Jéssica – Nem sei o que vestir hoje à noite... É um jantar de gala?

Ivan – Eu, pelo menos, pretendo aparecer vestido. Você é que sabe...

Jéssica (*fazendo charme*) – Ah, comandante...

Nazário entra e cruza com Jéssica, que está saindo.

Nazário (*com frieza*) – Oi, Jéssica. Tudo bem?

Jéssica (*imitando E.T.*) – E.T. quer telefonar para casa...

Jéssica sai.

Jonathan – Olhem! Daqui dá para ver a Lua!

Ivan observa Jéssica sair, admirando suas curvas. Nazário percebe.

Nazário – Daqui também... (*Para Ivan.*) O que a princesinha do salão queria?

Ivan – O telefone do seu cabeleireiro. Mas pode ficar tranquilo, não contei nada. Ela teria de passar por cima de mim...

Nazário não tem tempo de responder.

Jonathan – Então, Ivan! Hoje é a festa do comandante? O que preparou para nós? É véspera de Ano-Novo! Não vamos passar a noite com aquela comida desidratada e água morna, vamos?

Ivan – Fique tranquilo, Jonathan. Teremos peru com castanhas... desidratado, claro. E nosso melhor espumante... morno.

Jonathan (*suspirando*) – Pelo preço que paguei por este cruzeiro quatro estrelas, esperava pelo menos um pouco de caviar!

Ivan – Devia ter trazido algumas das suas famosas salsichas.

Jonathan – Trouxe uma mala inteira! Mas disseram que excedia o limite de bagagem. Era a mala ou o DVD com a coleção completa dos Simpsons...

Nazário – Como se vê, um homem de bom gosto...

Jonathan – Bom, para abrir o apetite, vou dar mais uma voltinha na sala de gravidade zero. Não me canso daquilo!

Ivan (*à parte, para Nazário*) – É o único lugar onde ele deixa de ser um peso.

Jonathan (*cantando a melodia do Porco-Aranha*) – Porco-Aranha, Porco-Aranha... (*Para Nazário.*) E aí? Como andam suas pesquisas?

Jonathan se prepara para sair, mas se detém.

Jonathan – Descobriu alguma coisa, Nazário?

Nazário – Deus não criou o mundo em um dia. Me dê mais uma semana para descobrir como ele conseguiu.

Jonathan – Afinal, o que você pesquisa?

Nazário – O Big Bang.

Jonathan (*cético*) – Se resolver patentear, me avise.

Jonathan sai cantarolando a música do Porco-Aranha.

Ivan – Sabe como ele ficou rico? Vendendo embutidos.

Nazário – Ele é engraçado.

Ivan – É um mala.

Nazário – Mas é um mala que vale um bilhão de dólares. Sem esses novos-ricos dispostos a pagar fortunas astronômicas para ver a Terra de cima, eu nem conseguiria continuar minhas pesquisas.

Ivan – Pensar que o mistério da criação do universo talvez seja resolvido graças ao patrocínio de uma marca de salsichas...

Nazário – E você? Sem o dinheiro das emissoras de televisão, estaria pilotando voos fretados para o Nordeste em vez de uma nave espacial. Qual é o projeto desta vez?

Ivan – Uma emissora está pensando num novo reality show. Uma espécie de Big Brother sem gravidade... Ou uma Ilha da Tentação na Lua.

Nazário – A Lua da Tentação... Que programa! Então é por isso que Jéssica está aqui?

Ivan – Querem saber se um cérebro com QI abaixo de sessenta suporta a falta de gravidade. Não podemos arriscar a vida dos futuros participantes.

Nazário – Podiam testar com uma peruca de verdade.

Ivan – Pelo menos teríamos o que comer no réveillon.

Nazário – No seu caso, ainda dá tempo...

Ivan – Não sei se ela faz o meu tipo.

Nazário – Pelo jeito que você olhou para ela, eu diria que faz.

Ivan (*provocando*) – Está com ciúme?

Nazário – Ciúme dela? E quem disse que você faz o meu tipo?

Ivan – Para o réveillon, a concorrência aqui é pequena... A não ser que o senhor Porco-Aranha seja o seu tipo de homem.

Nazário (*sorrindo*) – Espero que essa sua Ilha da Tentação versão Star Trek ainda não tenha começado.

Ivan vai responder quando a luz vermelha do terminal de rádio começa a piscar.

Ivan – Com licença... (*Atende ao rádio.*) Capitão Spock, às ordens... (*Nazário está prestes a sair, mas percebe a preocupação no rosto de Ivan e resolve ficar.*) Sim... Sim... Entendi... Não, não... Certo, mantenham-me informado.

Ivan desliga.

Nazário – Algum problema?

Ivan – A central de controle detectou um vazamento no sistema de oxigênio...

Nazário – É grave?

Ivan – Ainda não sabemos. Vão ligar assim que tiverem mais informações. Enquanto isso, preciso acionar o sistema de emergência.

Jéssica volta usando um vestido de noite muito sensual.

Jéssica – Posso usar isto hoje à noite?

Ivan, preocupado, quase não olha para ela.

Ivan – Desculpe, tenho um problema para resolver. (*À parte, para Nazário.*) Melhor não assustar os dois turistas por enquanto.

Ivan sai. Jéssica fica decepcionada.

Jéssica – Ele nem olhou para mim... Parece que eu sou invisível. Você também me acha transparente?

Nazário – Seu vestido é que é.

Jéssica – Será que ficou...?

Nazário – Ficou, e muito. Mas é a época do Natal e do Ano-Novo! A única época em que uma mulher pode se vestir de árvore de Natal e de prostituta na mesma semana. Aproveite!

Jéssica – Você não gostou?

Nazário – Eu disse isso?

Jonathan volta cantarolando.

Jonathan – Porco-Aranha, Porco-Aranha... Ah, é bom demais! Mas prefiro fazer aquilo antes de comer o peru.

Jéssica o chama.

Jéssica – E você, Jonathan, o que acha de mim?

Jonathan – Opa, eu nem estava falando de você! Nunca faria uma coisa dessas.

Jéssica – Do meu vestido!

Jonathan – Ah, o vestido... Quer ir comigo à sala de gravidade zero? Aposto que a dois é ainda mais divertido!

Ivan volta, livrando Jéssica de responder. Nazário percebe que ele está ainda mais preocupado.

Nazário – Tudo bem, capitão Spock?

Jéssica – Achei que ele fosse comandante e se chamasse Ivan. Spock é o sobrenome?

Ivan – Tudo sob controle. Acionei a ventilação de emergência.

Jonathan – «Emergência» e «tudo sob controle» na mesma frase? Não gostei.

Ivan (*tentando tranquilizá-lo*) – Só um probleminha técnico. Logo estará resolvido. Vamos passar o réveillon aqui, como planejado.

Jonathan – Ótimo! Mas me diga, comandante: como estamos girando em torno da Terra quase à mesma velocidade do Sol... Bom, você entendeu... Em que momento exatamente vai ser meia-noite?

Ivan (*com duplo sentido*) – Pode acreditar, Jonathan: vai ser a virada de ano mais longa da sua vida.

Nazário fica apreensivo.

Jonathan – Que aventura! Afinal, é uma experiência que a gente só tem uma vez na vida.

Nazário (*baixo*) – Nem me fale...

Jonathan – Está quente aqui, não é? (*Para Jéssica.*) Você devia ter ficado com o Ka. Pelo menos tinha ar-condicionado.

O terminal de rádio volta a piscar. Ivan troca um olhar com Nazário e atende. Para distrair os turistas, Nazário aponta para a janela voltada para a plateia.

Nazário – Olhem! Estamos sobrevoando a China!

Ivan (*ao rádio*) – Sim, estou ouvindo...

Nazário – Dá para ver até a Grande Muralha!

Jonathan – Onde?

Jéssica – Não estou vendo nada...

Nazário – Ali!

Jonathan – Ah, sim... Agora vi!

Jéssica – Eu continuo sem ver nada. Já estou me perguntando o que vim fazer aqui.

Ivan (*ao rádio*) – Certo...

Ivan desliga e troca um olhar preocupado com Nazário.

Jonathan – Este é o melhor dia da minha vida!

Nazário (*baixo*) – E talvez o último...

Ivan (*para Jéssica*) – Jéssica, você ainda não fez os exercícios de hoje na sala de gravidade zero. É parte da rotina diária.

Jéssica (*suspirando*) – Fico enjoada andando pelo teto feito barata. Eu não sou barata! Por que tenho de fazer isso?

Jonathan – Eu vou com você. Vai ver como é divertido!

Os dois saem, Jonathan cantarolando. Ivan e Nazário ficam sozinhos.

Nazário – E então?

Ivan – É um pouco mais grave do que pensávamos...

Nazário – Você me deve a verdade, comandante. Além da minha missão científica, sou o copiloto desta nave.

Ivan – O sistema principal de ventilação parou de vez. Teremos de usar o de emergência.

Nazário – Quanto tempo temos?

Ivan – Quatro horas.

Nazário – Dá para voltar à Terra se partirmos agora. Mas não para passar o réveillon aqui. Os turistas vão ficar decepcionados, mas Jonathan receberá o dinheiro de volta e Jéssica vai ganhar o Ford Ka.

Ivan – Infelizmente não é tão simples.

Nazário – Eu imaginei. Se fosse simples, você não estaria com essa cara de cachorro abandonado. O que mais deu defeito nessa lata velha?

Ivan – O sistema de oxigênio de emergência foi projetado para apenas três pessoas.

Nazário (*horrorizado*) – Você está brincando?

Ivan – Eu teria esta cara se estivesse brincando?

Nazário – Mas como isso é possível?

Ivan – Você mesmo disse: a nave é uma colcha de retalhos. O propulsor veio de um míssil americano descartado, a cabine é parte de uma estação espacial europeia desativada, e este módulo foi improvisado a partir de uma cápsula russa Soyuz.

Nazário – E mandaram quatro pessoas numa nave preparada para três?

Ivan – O senhor Porco-Aranha pagou um milhão de dólares pela passagem. Sem o dinheiro dele e o patrocínio da televisão, a missão seria cancelada. E você não teria podido começar suas pesquisas.

Nazário – Então você sabia?

Ivan – Já disse: era a nossa única oportunidade. Você abriria mão da chance de testar suas teorias sobre o Big Bang?

Nazário – Não.

Ivan – Claro que não. Um resultado positivo poderia render um Prêmio Nobel. Você teria aceitado o risco. Assim como eu.

Nazário – Admito. Mas os dois turistas não estão concorrendo a Nobel nenhum. Eles tinham o direito de saber.

Ivan – Se soubessem, não teriam embarcado.

Nazário – O Porco-Aranha escolheria um resort com tudo incluído em Bora Bora.

Ivan – E a Barbie, o Ka com ar-condicionado.

Nazário – Muito bem... E o que os gênios da central propõem agora?

Ivan – Nada. Temos de nos virar. A conta é simples: oxigênio para três pessoas durante quatro horas. Ou reduzimos o número de passageiros... ou os quatro paramos de respirar uma hora antes.

Nazário – E como vamos fazer isso?

Ivan – Uma cápsula de cianeto, por exemplo.

Nazário – Como é que é?

Ivan – Há cianeto no armário de primeiros socorros. Que, por sinal, também é chinês. Um plano B, digamos.

Nazário – Ótimo, pensaram em tudo! Só esqueceram de que não vai ser fácil encontrar alguém disposto a uma viagem ainda mais longa.

Ivan – Tenho uma ideia, mas você não vai gostar.

Nazário – Diga.

Ivan – Um pouco de cianeto em pó na comida de Jéssica. Ela nem perceberia...

Nazário – Ela? Só pode ser brincadeira!

Ivan – Prefere o Porco-Aranha?

Nazário – Isso seria assassinato, comandante! Mesmo que conseguíssemos conviver com a culpa, você sabe que é crime.

Ivan – Mas mandar quatro pessoas numa nave com oxigênio para três é legal...

Nazário – Se fizermos isso, podemos acabar presos. E, se não formos presos, vamos carregar essa culpa pelo resto da vida.

Ivan – Tem razão. Então, o que sugere?

Jonathan e Jéssica voltam animados, cantarolando uma música.

Jéssica (*cantando*) – La cucaracha, la cucaracha... Já não pode caminhar...

Jonathan – E aí, comandante? Tudo bem? Estou morrendo de fome!

Jéssica – Eu também!

Nazário (*à parte, para Ivan*) – Não podemos esconder isso por muito mais tempo. Temos de contar, sem provocar pânico desnecessário.

Ivan – Quer dizer que você vai anunciar a esses dois que um deles está sobrando, mas sem causar pânico? Quero ver!

Nazário (*hesitante*) – Posso tentar...

Ivan – Se conseguir, também merece um Nobel. De Psicologia!

Escuro.

ATO 2

Um grito agudo de Jéssica na escuridão. Ouve-se vidro quebrando. A luz se acende: Jéssica acaba de desmaiar e Ivan e Nazário tentam socorrê-la. Jonathan, transtornado, segura o machado que estava atrás do vidro de emergência, agora quebrado.

Jonathan (*ameaçando-os com o machado*) – Não sei o que me impede de rachar a cabeça de vocês dois!

Ivan – Talvez o fato de sermos os únicos que sabem pilotar esta nave de volta à Terra.

Jonathan – Eu podia matar só um. Você, por exemplo!

Ivan – Não acredito que tenha coragem.

Jonathan – Não me provoque! Fiz fortuna com um frigorífico. Matar é comigo mesmo!

Ivan – Mas eu não sou um boi. E, de qualquer forma, você poderia alegar legítima defesa...

Nazário – Acho que não é bem o momento...

Jonathan – E qual seria o momento? Depois que todos estivermos mortos?

Ivan – Se está tão preocupado, experimente ficar uma hora sem respirar. Resolveria o problema.

Nazário (*indicando Jéssica*) – Chega! Me ajudem com ela!

Jéssica recobra os sentidos.

Ivan – Uma pena. Se ela não acordasse, também resolveria o nosso problema...

Jéssica – Digam que estou sonhando e que ganhei o Ford Ka!

Nazário – Infelizmente não, Jéssica. Você ganhou mesmo o prêmio principal.

Jonathan – Não está num Ka com ar-condicionado. Estamos numa lata velha voadora e o que falta aqui é justamente ar!

Jéssica – Então é verdade? Vamos morrer todos?

Nazário – Não necessariamente todos.

Jéssica – Então existe uma saída?

Jonathan (*irônico*) – Existe. Um comprimido.

Jéssica – Que comprimido? Não me assuste!

Jonathan – Um comprimido de cianeto! Não entendeu? Um de nós está sobrando e temos uma hora para decidir quem.

Jéssica – Eu sabia que essa viagem era uma loucura! Devia ter ouvido minha mãe! O espaço não é lugar para uma moça de família. É castigo divino! Como aconteceu com Ícaro...

Jonathan – Ícaro? É alguém da tripulação?

Jéssica – Da mitologia grega! Ele quis voar até o Sol, mas suas asas derreteram e ele caiu.

Ivan (*para Nazário*) – Esta é a sua deixa. Explique que Deus não existe, que o universo nasceu do Big Bang e que nenhum velhinho de barba branca criou o céu e a Terra.

Nazário – Só falta descobrir quem acendeu o pavio...

Ivan – Infelizmente não temos tempo para filosofar. O que fazemos? Tiramos no palitinho?

Jonathan – Seria fácil demais. E irresponsável.

Ivan – Falando em irresponsabilidade, pode abaixar esse machado?

Jonathan abaixa o machado, contrariado.

Jonathan – Você é o piloto! Sabia de tudo e ficou calado! Está na hora de assumir sua responsabilidade. Num navio, o capitão é o último a sair. Você poderia morrer como herói!

Ivan – Isto aqui não é filme de cinema!

Jéssica – Pior que o Titanic...

Ivan – Sou apenas um empregado. Estava cumprindo ordens.

Jonathan – Foi o que disse o sujeito que jogou a bomba em Hiroshima!

Os dois homens se encaram. Nazário intervém.

Nazário – Vocês podem parar? Estão gastando o pouco oxigênio que resta! Ivan tem razão: não seria justo responsabilizá-lo sozinho. E, se queremos punir os verdadeiros culpados, convém lembrar que a pena de morte foi abolida na maioria das democracias.

Jonathan aponta para o lado de fora, pela janela.

Jonathan – Ainda temos a China e os Estados Unidos!

Nazário – Os responsáveis estão lá embaixo. Mas ninguém podia ignorar que esta missão era arriscada. Mais arriscada que desfilar de vermelho diante de um touro enfurecido.

Jéssica – Eu tenho um vestido vermelho lindo!

Jonathan – Vamos esquecer a Terra por um instante. Não poderíamos decidir qual de nós faria menos falta à humanidade?

Ivan (*irônico*) – Imagino que você tenha bons motivos para se considerar indispensável.

Jonathan – Minha fábrica emprega duzentas mil pessoas!

Ivan – E você acha que ela fecharia se você morresse? Os acionistas elegeriam outro diretor. Fim da história.

Jonathan – E você, por acaso, é mais importante do que eu?

Ivan – Para começar, eu sei pilotar esta nave.

Nazário – Eu também.

Jonathan – Viram? Basta um de vocês para pilotar e cuidar do serviço de bordo. O outro é dispensável. (*Para Nazário.*) Não tenho preferência.

Ivan – Acha mesmo que é mais útil que um futuro ganhador do Prêmio Nobel?

Jonathan – Por que não?

Ivan – Tem razão. Se existisse um Nobel de salsichas, você ganhava fácil.

Jonathan – Meus produtos alimentam um terço dos brasileiros! (*Para Nazário.*) E você, o que faz?

Nazário – Pesquiso a origem do universo.

Jonathan – Ou seja?

Nazário – Ainda não descobri.

Jonathan – E conseguiu alguma resposta?

Nazário – Ainda não.

Jonathan – Então esse seu Nobel ainda está longe. Não sei por que sua pesquisa seria mais útil que a minha fábrica.

Nazário – Não disse que era.

Silêncio.

Jonathan (*para Jéssica*) – E você?

Jéssica – Eu o quê?

Jonathan – Dê um bom motivo para voltar à Terra... viva.

Jéssica (*desamparada*) – Tenho um gato, um cachorro e um canário esperando por mim... Sem falar na minha mãe!

Nazário – Chega! Não podemos comparar o valor das vidas! Talvez eu não saiba como surgiu o universo, mas sei que uma vida não vale menos que outra.

Jonathan – Ótimo. Então vamos votar.

Jéssica – Votar em quê?

Jonathan – Quem merece a honra de se sacrificar. Já que está tão difícil alguém se oferecer, a democracia decide.

Nazário – Sou contra!

Jonathan – Não precisa votar. Estamos numa democracia. Mas isso não impede os outros de votar em você. Senão seria fácil demais.

Jonathan pega um bloco de papel e uma caneta.

Jonathan – Cada um escreve um nome, dobra o papel e entrega a Nazário. Ele faz a apuração. Ivan?

Ivan – Você jura que vai aceitar o resultado?

Jonathan – Juro.

Ivan – Então vamos lá.

Jonathan escreve um nome, destaca a folha, dobra o papel e passa o bloco a Ivan.

Jonathan – Sua vez.

Ivan – De onde vem tanta certeza de que é popular?

Jonathan – E você, tem certeza de quê?

Ivan também vota e passa o bloco e a caneta a Jéssica.

Jonathan – Não se preocupe, Jéssica. Se tudo acabar bem, eu garanto que você vai receber aquele Ford Ka.

Ivan lança um olhar furioso a Jonathan. Jéssica hesita, escreve um nome, dobra o papel e o deixa sobre a mesa.

Jonathan – Nazário, a honra de anunciar o resultado das eleições é sua.

Contrariado, Nazário abre os três papéis, um de cada vez.

Nazário – Ivan... Jonathan... Jéssica... (*Aliviado.*) Um voto para cada um. Não temos um eleito.

Ivan (para Jonathan) – Eu votei em você, você votou em mim... E quem votou na Jéssica?

Jéssica – Eu!

Nazário – Você estava disposta a se sacrificar?

Jéssica – Claro que não! Achei que a gente estivesse votando em quem devia se salvar!

Os outros três a encaram, indignados.

Jonathan – Então não resolveu nada.

Ivan – Nesse caso, vamos morrer todos daqui a... (*Olha o relógio.*) Umas duas horas.

Jonathan – Mas por que estamos aqui discutindo, em vez de voltar logo?

Ivan – Porque só poderemos iniciar a reentrada na atmosfera quando a nave alcançar a posição certa na órbita. Isso deve acontecer daqui a meia hora. A partir daí, podemos conduzir a descida.

Nazário – Já alteramos a rota. Se não fizéssemos isso, continuaríamos girando em torno da Terra.

Jonathan – E só agora você me conta! E pensar que me venderam esta viagem como umas férias de sonho...

Ivan – Seja como for, temos meia hora para encontrar alguém com fibra de herói.

Nazário – Uma situação digna de tragédia grega. Se ninguém aceitar morrer, morreremos todos. Cada um pode se sacrificar e salvar os outros três... ou morrer inutilmente com eles.

Jéssica – Mas cada um ainda pode torcer para que outro se ofereça primeiro, não é?

Nazário – Não vamos escolher um bode expiatório. Se alguém morrer para salvar os outros, precisa ser por vontade própria.

Jonathan – Perfeito. Voluntários?

Silêncio.

Nazário – Eu me ofereço.

Os outros três ficam atônitos. Jonathan é o primeiro a reagir.

Jonathan – Ótimo, problema resolvido! Obrigado, Nazário. Afinal, como você disse, de um jeito ou de outro ia acabar morrendo mesmo...

Ivan – Por que faria isso? Sacrificar-se como Cristo, você que nem acredita em Deus?

Jonathan – Já que é voluntário e todos concordamos, prometo pagar metade das despesas do seu funeral. Tem algum último pedido?

Ivan – Cale a boca! Nazário, não vale a pena morrer por um vendedor de salsichas!

Nazário – Talvez seja orgulho. Mas, se eu tiver de morrer, prefiro morrer com dignidade.

Ivan – Não vou deixar.

Nazário – E como pretende me impedir?

Ivan – Só eu tenho a chave do armário de primeiros socorros. E, se alguém tiver de se sacrificar, serei eu.

Jonathan – Bom, só não vão brigar agora! Só precisamos de um herói.

Nazário – Você faria isso por mim? Por quê?

Ivan – Porque você vale...

Jonathan – De qualquer jeito, os dois não podem morrer. Precisamos de um piloto. Eu só tenho carteira para dirigir caminhão, e a Jéssica mal daria conta de estacionar o Ford Ka na garagem...

Jéssica – Não concordo!

Jonathan – Desculpe a piada do Ka. Retiro o que disse.

Jéssica – Não concordo que Ivan ou Nazário tenham de morrer por nós.

Jonathan – Ah, não vamos começar tudo de novo! Já estava resolvido.

Jéssica – E como vamos viver sabendo que um deles morreu para nos salvar?

Jonathan (*olhando o relógio*) – Temos quinze minutos para decidir.

Ivan – E o que você sugere?

Jéssica – O sorteio. É a única solução justa.

Jonathan – Justa e perigosa...

Nazário – Acho que Jéssica tem razão. Não sei se vocês concordam.

Jonathan – Vamos votar outra vez?

Ivan – Não é disso que se trata.

Jéssica – Só precisamos escolher um jogo de azar.

Ivan – Eu sugeriria a roleta-russa. Numa cápsula Soyuz seria bastante apropriado. Mas armas de fogo são proibidas a bordo. E se a bala atravessar uma cabeça e perfurar a fuselagem, vamos ter uma despressurização.

Jéssica – E o machado?

Ivan – Como você imagina jogar roleta-russa com um machado?

Silêncio pensativo.

Jonathan – Podemos jogar pôquer. Trouxe um baralho. Quem perder para de respirar.

Jéssica – Não sei jogar pôquer.

Jonathan – Eu ensino. É fácil.

Ivan (*interrompendo*) – Não a engane. Pôquer não é um jogo de puro azar.

Jonathan – Tem alguma ideia melhor?

Ivan – Talvez...

Ivan se dirige à saída, mas Jonathan se coloca à sua frente.

Jonathan – Aonde vai?

Ivan – Buscar alguma coisa para beber. Não disse que eu era responsável pelo serviço de bordo?

Jonathan – Melhor ficarmos juntos. Como saber se você não está preparando alguma coisa pelas nossas costas?

Ivan – Tem a minha palavra. E vai ter de se contentar com ela. A menos que pretenda me impedir de sair... à força.

Os dois se enfrentam com o olhar. Jonathan acaba saindo da frente.

Jonathan – Está bem. Afinal, somos pessoas civilizadas...

Ivan sai. Segue-se um silêncio. Nazário contempla o céu estrelado pela janela.

Nazário – Pode parecer estranho para um astrofísico, mas nunca tinha olhado as estrelas assim... sem querer descobrir nada.

Jonathan (*indiferente*) – Ah, é?

Nazário – Talvez a resposta esteja bem diante de nós...

Jéssica – A resposta?

Jonathan – Para qual pergunta?

Nazário – Sobre a origem do universo!

Jonathan – Lá vem ele de novo...

Nazário (*comovido*) – E se a resposta não for científica, mas puramente estética? E se Deus for um artista?

Jonathan dá de ombros. Jéssica também contempla as estrelas.

Jéssica – É lindo mesmo.

Nazário (*para Jonathan*) – Você também veio até aqui para ver as estrelas de perto, não veio?

Jonathan – Sei lá. Eu estava entediado...

Nazário – Todos nós sabíamos que, vindo até aqui, já teríamos percorrido metade do caminho para o céu...

Jéssica – Engraçado... Já nem ligo por não ter ganhado o Ka. Mesmo que eu morra daqui a pouco, pelo menos vi isso. Nunca me senti tão viva.

Nazário – Todos vamos desaparecer um dia. Se lembrássemos disso ao acordar, talvez vivêssemos melhor. Afinal, as estrelas também morrem. Até o Sol, um dia, deixará de brilhar.

Jéssica – Então somos apenas estrelas entre outras estrelas?

Nazário – Quatro estrelas, sim. E uma sobrando...

Jonathan – Quatro estrelas, esta sucata? Para mim já é uma a mais!

Jéssica – Mas qual de nós está sobrando?

Nazário (*voltando a olhar o céu*) – Talvez esse seja o mistério do universo: um movimento perpétuo, um enorme quebra-cabeça que nunca conseguimos montar... porque, no fim, sempre sobra uma peça.

Ivan volta trazendo uma bandeja com quatro taças de espumante.

Ivan – Que tal brindarmos ao Ano-Novo?

Jonathan – Você acha mesmo que é hora?

Ivan – Uma destas taças contém cianeto.

Silêncio dos outros três.

Jonathan – Você sabe qual! Foi você quem preparou!

Ivan – Por isso ficarei com a última taça. Jonathan, faça as honras.

Ivan oferece a bandeja a Jonathan, que hesita.

Jonathan – Você sabe mesmo qual delas está envenenada?

Ivan – Não. Senão não teria graça.

Jonathan pega uma taça, relutante. Ivan oferece a bandeja a Jéssica, que também hesita.

Jéssica – Não me dou bem com espumante. Me dá gases...

Ivan – Sinto muito.

Jéssica pega uma taça. Ivan oferece a bandeja a Nazário, que pega a sua sem hesitar. Ivan fica com a última. Os quatro se aproximam e erguem as taças.

Ivan – À saúde dos sobreviventes!

Os quatro esvaziam as taças de um só gole.

Jéssica – Está geladinho... Não tem amendoim?

Escuro.

ATO 3

Os quatro estão sentados ao redor da mesa. O clima é pesado.

Jéssica – Eu imaginava que uma nave espacial fizesse mais barulho. Ouçam esse silêncio... Até dói no ouvido.

Jonathan – Parece que já estamos mortos.

Jéssica – É mais silencioso que a casa da minha avó. E olha que ela mora no interior!

Nazário – É porque o som não se propaga no vácuo.

Jéssica – No interior?

Nazário – No espaço!

Ivan – O universo é um lugar bem tranquilo. Muitas das estrelas que vemos talvez já tenham morrido há milhares de anos, em enormes explosões nucleares. Se Deus existe, é mais parecido com o Doutor Fantástico do que com Papai Noel.

Outro silêncio.

Jéssica – Não entendi.

Jonathan – Ele está dizendo que até as estrelas morrem, minha querida.

Ivan – É. E morrem em silêncio.

Silêncio.

Jonathan – Não dá para colocar uma musiquinha?

Nazário – O silêncio eterno desses espaços infinitos me apavora!

Jonathan – Foi o que eu disse.

Nazário – Pascal!

Jonathan – Pascal?

Nazário – Blaise Pascal. O filósofo.

Jonathan – Ah, conheço! Apareceu num episódio dos Simpsons, falando de probabilidade.

Nazário – Pelo menos você aprendeu alguma coisa com o programa.

Silêncio. Jéssica pega um resto da refeição.

Jéssica – Pensando bem, aquele peru desidratado nem estava tão ruim.

Jonathan – Isso me deu uma ideia! Vou lançar salsichas desidratadas. Uma salsichinha minúscula que, com um pouco de água, vira uma salsicha enorme! Já pensou no custo do transporte? Uma revolução no mercado!

Nazário – Não estou sentindo nada. E vocês?

Jéssica – Eu também não.

Ivan – O veneno demora um pouco para fazer efeito.

Jonathan – Quanto tempo?

Ivan – Uns quinze minutos, acho.

Jéssica – Dói morrer de cianeto?

Ivan – Não sei. Nunca tomei. Até hoje, pelo menos...

Nazário – Por que «até hoje»? Você disse que não sabia qual taça estava envenenada.

Ivan – Digamos que foi um pressentimento.

Nazário – Se me lembro bem, o cianeto provoca convulsões, perda de consciência e depois um coma profundo...

Jonathan – Efeitos colaterais, então...

Nazário – O efeito principal é impedir que o organismo utilize o oxigênio.

Os quatro engolem em seco.

Ivan – Era o veneno preferido dos chefes nazistas. Göring se matou com cianeto para não ser executado depois do julgamento de Nuremberg.

Jonathan – Suicidar-se para escapar da execução... Não vejo muita vantagem.

Nazário – De qualquer forma, um de nós deve morrer nos próximos minutos. Proponho que cada um diga o que mudaria na vida se sobrevivesse.

Ivan – Você primeiro.

Nazário – Eu voltaria àquela loja e compraria a caixa de som que vi na vitrine.

Jonathan – Era isso que você mudaria?

Nazário – Achei o preço um absurdo. Mas essa viagem me ensinou que certas frivolidades são importantes. E você, Jonathan?

Jonathan – Para começar, deixaria de pensar só em mim. Talvez por isso viva tão entediado. O céu é para os pássaros. Meu lugar é na Terra.

Nazário – E então?

Jonathan – Vou criar uma fundação.

Ivan – Uma fundação? Você?

Jonathan – Por que não? O Bill Gates não tem uma?

Nazário – E qual seria o objetivo?

Jonathan – Sei lá... Acabar com a fome no mundo, por exemplo.

Ivan – Gostaria de ver isso.

Jonathan – Nem sempre fui tão rico, viu? Não nasci com uma colher de ouro na boca, como dizem.

Jéssica – Não é uma colher de prata?

Jonathan – Isso mesmo. No meu caso, era só de prata. Meu pai era de um ramo menos favorecido da família. Quando meu avô morreu, herdei apenas um quinto da fortuna. Já era bastante, claro... Mas só fiquei com o império das salsichas quando meu tio morreu.

Ivan – Que infância difícil...

Jonathan – Se hoje sou o rei das salsichas, é porque sempre quis alimentar o mundo. À minha maneira, sou um idealista também...

Ivan – E você, Jéssica?

Jéssica – Vou voltar a estudar. Quero continuar aprendendo línguas.

Nazário – Você estudava?

Jéssica – Estudava. Surpreso?

Nazário – Um pouco. O quê?

Jéssica – Estudava línguas orientais. Queria ser intérprete. Também fazia teatro e música... Parei quando cheguei à final do concurso Miss Brasil.

Jonathan – Você foi Miss Brasil?

Jéssica – Quase. Me tiraram do concurso antes da final. Um ex-namorado publicou na internet um vídeo nosso... íntimo. Coisa da juventude, que a gente tinha gravado anos antes.

Jonathan passa a olhar Jéssica de outra maneira.

Ivan – Então você fala outras línguas?

Jéssica – Falo mandarim e francês fluentemente. Também me viro em russo e estudo várias outras línguas asiáticas.

Ivan – Se eu soubesse, teria pedido ajuda com os rótulos do armário de medicamentos. Tive um trabalho danado para achar o cianeto. O rótulo estava em coreano... Acho.

Jéssica – Coreano é uma língua bonita. Muito musical.

Nazário – E você, Ivan? O que faria?

Ivan (*visivelmente indisposto*) – Acho que não é o momento de fazer planos para o futuro.

Jéssica – Não me diga que começaram as contrações... Quer dizer, as convulsões!

Ivan se levanta com dificuldade.

Ivan – Não se preocupem. Vou me deitar um pouco. (*Entrega uma carta a Nazário.*) Escrevi isto para o caso de... (*Nazário pega a carta, sem dizer nada.*) Leia depois que eu partir. Detesto despedidas.

Nazário (*comovido*) – Eu vou com você.

Ivan – Não, obrigado. Prefiro ficar sozinho. Boa viagem a todos...

Jéssica – Obrigada... Para você também.

Ivan sai para os alojamentos. Os outros três ficam paralisados. Nazário se levanta, pega a taça de Ivan e a cheira com cuidado.

Nazário – Não havia cianeto nesta taça.

Jonathan – Como você sabe?

Nazário – O cianeto tem um leve cheiro de amêndoas amargas. Já trabalhei com ele no laboratório, e tenho um olfato excelente.

Jéssica também cheira a taça.

Jéssica – É verdade. Tenho um sabonete com cheiro de amêndoas, e isto aqui só cheira a espumante.

Jonathan – Mas, se foi só a comida que fez mal ao Ivan, um de nós três ainda vai morrer!

Nazário cheira as outras três taças.

Nazário – Nenhuma das quatro taças tinha cianeto.

Jéssica – Mas Ivan parecia estar passando muito mal...

Jonathan – Então?

Nazário – Ele deve ter tomado o veneno antes de trazer as taças. Por isso não importava qual escolheria. E é por isso que deixou uma carta.

Jéssica – Mas... por quê?

Nazário – Sacrificou-se para nos salvar. E não quis que soubéssemos.

Jonathan – Não faz sentido!

Nazário – Talvez não quisesse nos deixar com a culpa. Preferiu que acreditássemos que foi o destino quem nos salvou, e não o suicídio dele. Os verdadeiros heróis não procuram glória.

Jéssica – Meu Deus!

Jonathan – Nunca teria imaginado...

Nazário – Nem eu...

Jonathan – O que diz a carta?

Nazário – Prefiro ler depois.

Jonathan – Mas pode ter instruções para pilotar a nave! Afinal, ele era o comandante.

Nazário abre a carta e lê em silêncio. Os outros dois esperam, ansiosos.

Jéssica – E então? O que está escrito?

Nazário – É uma espécie de testamento.

Jonathan – Ainda nos deixou alguma coisa? Que sujeito generoso!

Jéssica lança a Jonathan um olhar de reprovação.

Nazário – São os últimos desejos dele.

Jonathan – Quais?

Nazário – Quer que a fundação leve o nome dele.

Jonathan – Que fundação? (*Os outros dois o encaram, indignados.*) Ah, claro... A fundação contra a fome no mundo.

Nazário – Também pediu que Jéssica cumpra o que prometeu.

Jéssica – Que promessa?

Nazário – Voltar a estudar. Está deixando para você suas economias, para ajudar a pagar os estudos.

Jonathan – Quanto é, mais ou menos?

Nazário – Cerca de cem mil reais.

Jéssica – O quê?

Jonathan – Nada mal... Sabia investir.

Nazário – Também deixou umas instruções para a aterrissagem. Parece que a segunda marcha arranha um pouco...

Jéssica – E para você? Não deixou nada?

Nazário (*emocionado*) – Deixou. Mas é muito pessoal.

Jonathan e Jéssica se entreolham, surpresos ao ver Nazário à beira das lágrimas. De repente, a luz vermelha do rádio volta a piscar. Nazário atende quase mecanicamente.

Nazário – Sim... (*Empalidece.*) Como? Certo, aguardamos as instruções.

Jonathan e Jéssica observam, intrigados.

Jonathan – O que aconteceu agora?

Nazário – A central conseguiu reparar o vazamento no sistema de ventilação do módulo B...

Jonathan – Traduzindo para quem fala português?

Nazário – Agora temos oxigênio suficiente para voltar à Terra!

Jéssica – Que maravilha! (*Dá-se conta.*) Meu Deus... Ivan!

Nazário se precipita em direção aos alojamentos.

Nazário – Vou ver se ainda podemos fazer alguma coisa!

Jonathan e Jéssica ficam sozinhos.

Jonathan – Quando voltarmos, vão ouvir poucas e boas! Venderam isto como um cruzeiro de luxo e nos puseram numa sucata feita de peças de vários países!

Jéssica – Até o armário de medicamentos tinha rótulos em línguas que ninguém entende...

Jonathan – Uma verdadeira Torre de Babel! Bom, se voltarmos vivos, nem vou exigir meu dinheiro de volta. Não está feliz?

Jéssica – Pobre Ivan...

Jonathan – Bom... Pelo menos ele conseguiu ser o herói que queria.

Jéssica – E que homem corajoso... E bonito também.

Jonathan – Mas eu estou aqui. Sou bonito, sou jovem... E você, além de jovem, é cheia de surpresas. Quem diria, aqueles vídeos íntimos... Você é perigosa, Jéssica. E ainda fala várias línguas!

Jéssica – Mais de duas!

Jonathan – Esta viagem me fez pensar. Você é muito mais interessante do que eu imaginava. Por isso tenho uma proposta: preciso de alguém de confiança para cuidar de...

Jéssica (*entusiasmada*) – Da fundação?

Jonathan – Que fundação?

Jéssica – A que vai acabar com a fome no mundo!

Jonathan – Ah... Aquela. Não, eu estava pensando em outra coisa... Quer dizer, quase a mesma coisa. Preciso de alguém para dirigir as vendas no mercado asiático. Você seria perfeita.

Jéssica – O mercado asiático?

Jonathan – Uma embaixadora das minhas salsichas!

Jéssica – Você acha mesmo que eu daria conta?

Jonathan – Você fala mais línguas que o papa! E, convenhamos, seria uma embaixadora muito mais atraente.

Jéssica – Salsichas na China?

Jonathan – Pense no tamanho daquele mercado! Se conquistarmos só uma pequena parte dos consumidores, fico bilionário duas vezes! E tive uma ideia de marketing genial. (*Aponta para a Lua e desenha no ar.*) Vamos projetar com um laser gigantesco um cachorro-quente e o nome da marca na superfície lunar. Uma propaganda visível do mundo inteiro... quando for noite, claro. Imagina o impacto!

Antes que Jéssica responda, Nazário volta, transtornado.

Nazário – Ivan está inconsciente na cabine. Acho que já não há nada a fazer. Resolvi ir me juntar a ele.

Jonathan – Como assim, se juntar a ele?

Jéssica vê um tubo de comprimidos na mão de Nazário e o toma dele.

Jéssica – Meu Deus! Você também tomou cianeto?

Jonathan – E agora quem vai pilotar esta coisa até a Terra?

Nazário – Desculpem... Nem pensei nisso. Adeus. Sejam felizes. Vou encontrar o homem que amo, para ficarmos juntos pela eternidade... Mas antes preciso passar no banheiro.

Nazário sai apressado. Jéssica deixa o tubo de comprimidos sobre a mesa.

Jonathan (*desesperado*) – Não acredito! Agora vamos todos morrer!

Jéssica – Mas é tão romântico...

Jonathan – E tão idiota!

Jéssica – Parece Romeu e Julieta! Você seria capaz de morrer por mim, Jonathan?

Jonathan – Como se eu tivesse escolha!

Ivan reaparece, cambaleando, com outro tubo de comprimidos na mão.

Jéssica (*surpresa*) – Olha aí! Romeu voltou dos mortos!

Ivan – Não entendo... Tomei dois comprimidos de cianeto e só estou com um pouco de sono.

Jéssica examina o tubo que Ivan está segurando.

Jéssica – Isto não está em coreano... Está em vietnamita! (*Lê novamente o rótulo.*) E não é cianeto. É um remédio para dormir... vencido desde 1973!

Jonathan – Não admira que esteja fraco! Estamos salvos! Só precisamos manter o comandante acordado até chegarmos à Terra.

Ivan – E Nazário?

Jéssica (*sem jeito*) – Nazário...?

Jonathan – Você consegue pilotar esta nave por mais uma hora? Se não, me ensine antes de cair no sono! Não deve ser tão diferente de dirigir um caminhão...

Ivan – O que aconteceu?

Jéssica – A central consertou o vazamento. Temos ar suficiente para voltar à Terra.

Ivan – Mas cadê Nazário? Digam a verdade!

Jéssica – É que...

Jonathan – Ele não está aqui...

Jéssica – Achou que você tinha morrido.

Ivan percebe o tubo de comprimidos que Jéssica tirou da mão de Nazário e deixou sobre a mesa.

Ivan – Não me digam que...

Jéssica – Ele ama você, Ivan. Muito.

Ivan – Não!

Ivan pega o tubo sobre a mesa e se prepara para engolir outro comprimido.

Jonathan (*desesperado*) – Parece que sou o único nesta nave que quer voltar à Terra!

Jéssica examina o tubo que Ivan acaba de pegar.

Jéssica – Jonathan tem razão. Eu não faria isso, comandante... (*Os dois homens a olham, sem entender.*) Isto também não está em coreano. Está em tibetano. E não é cianeto: é um laxante fortíssimo, à base de ervas!

Jonathan – Também vencido?

Jéssica – Infelizmente, não.

Jonathan – Com o banheiro sem gravidade... e entupido!

Jéssica – Vai ser um tsunami de cocô!

Nazário reaparece.

Nazário – Alguém sabe onde guardaram o papel higiênico? (*Vê Ivan.*) Ivan? Você está vivo!

Ivan – Estou, Nazário! Um milagre. Só tomei dois comprimidos para dormir... vencidos.

Nazário – Que felicidade!

Ivan – Eu amo você, Nazário. Desde o primeiro instante. Quer se casar comigo?

Nazário – Quero, Ivan! (*Os dois vão se beijar, sob o olhar emocionado de Jéssica e Jonathan.*) Só um segundo. Já volto!

Nazário sai correndo, segurando a barriga. Ivan cai de novo num sono profundo.

Jonathan – Ah, não! De novo, não!

Jéssica, emocionada, se abraça a Jonathan.

Jéssica – Com tanta emoção, acho que meu coração vai explodir...

Jonathan – Como a vida é curta! Depois de tudo que passamos juntos... Quer se casar comigo?

Jéssica – Mesmo com os pecados da minha juventude?

Jonathan – Não apesar deles. Por causa deles! E sabe de uma coisa? Eu te dou a Lua!

Jéssica – A Lua?

Jonathan – Você vai ter o meu sobrenome quando a gente se casar. Vou projetar esse nome na Lua, bem grande, junto com a marca das minhas salsichas. E, claro, você ainda vai ganhar o Ford Ka!

Jéssica – Ah, Jonathan... Você é um romântico!

Estão prestes a se beijar quando a luz vermelha do rádio começa a piscar e o telefone toca. Os dois se entreolham, preocupados. Jonathan atende.

Jonathan – Alô? (*Escuta, tenso. Depois sorri.*) Também conseguiram desentupir o banheiro!

Jéssica – Viu só? No fim, tudo acaba bem!

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim
do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está
cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Paris – Agosto de 2022
© La Comédiathèque – ISBN 978-2-37705-799-3

Documento para download gratuito